A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA PARA ENRIQUECER A PRÁTICA PEDAGÓGICA
CONTRIBUIÇÕES QUE A CONTAÇÃO PROMOVE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

KAREN DE CARVALHO MARQUES

RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito das histórias infantis e suas contribuições para o enriquecimento das práticas pedagógicas. Os contos foram transmitidos de geração em geração, enriquecendo os jovens com valores, crenças, imaginação e criatividade. A literatura infantil ainda desempenha um papel crucial na educação, pois fornece conhecimento e entretenimento. Ler ou ouvir histórias e contos pode ser considerada uma prática comunitária significativa, capaz de impactar as gerações jovens, capacitando-as e preparando-as para o futuro. Uma vez que a cultura é crucial para a aprendizagem, as histórias têm um papel fundamental na formação do papel do indivíduo na sociedade, tornando-se um recurso útil do ponto de vista didático, psicológico / terapêutico e pedagógico. Do ponto de vista didático, os livros de histórias podem fornecer às crianças novas informações sobre o mundo, enriquecer o vocabulário e aprimorar habilidades linguísticas específicas (na sala de aula ou em casa), fomentando a comunicação entre o contador de histórias (professor, pai ou outra equipe profissional) e os ouvintes.

STORYTELLING AS A TOOL TO ENRICH PEDAGOGICAL PRACTICE

Contributions that accounting promotes in educational practices

ABSTRACT

This article aims to seek reflections on children's stories and their contributions to the enrichment of pedagogical practices. The tales were passed down from generation to generation, enriching young people with values, beliefs, imagination and creativity. Children's literature still plays a crucial role in education as it provides knowledge and entertainment. Reading or listening to stories and tales can be considered a meaningful community practice, capable of impacting young generations, empowering them and preparing them for the future. Since culture is crucial for learning, stories play a key role in shaping the role of the individual in society, becoming a useful resource from a didactic, psychological/therapeutic and pedagogical point of view. From a didactic point of view, storybooks can provide children with new information about the world, enrich vocabulary and improve specific language skills (in the classroom or at home), fostering communication between the storyteller (teacher, parent or other professional team) and listeners.

Palavras Chave: Aprendizagem; Gerações; Habilidades Línguisticas; Histórias INTRODUÇÃO

Uma história é chamada de narrativa pertencente ao gênero narrativo cuja intenção é contar algum acontecimento real ou fantástico de forma breve. A Federação de Ensino da Andaluzia (2009) ratifica esta definição ao afirmar que:

A história infantil é uma série simples e linear com cenários descritos de forma resumida, cujos personagens são brevemente caracterizados e realizam ações muito claras para o menino e a menina e com um final adequado à sequência de eventos. As histórias serão adaptadas à idade do leitor porque cada idade precisa de uma motivação diferente. (p.2)

Alberca (1985) afirma que a história:

...é, antes de tudo, a narrativa cujo argumento é reduzido a um único evento ou fato em seu estado puro, isto é, reduzido à sua síntese e desprovido de detalhes anedóticos. Esta característica da história, sem ser a mais importante, é a base sobre a qual se vão sobrepor os restantes elementos, com os quais mantém uma forte inter-relação. (p. 207)

Nesse sentido, os elementos que toda história deve ter são: evento único, brevidade, tensão, efeito, narração, tempo e personagens.

O uso da história como ferramenta pedagógica apresenta várias vantagens. Na verdade, Pérez, Pérez e Sánchez (2013) reiteram que:

Na Educação Básica, as habilidades linguísticas das crianças aumentam de acordo com a idade. O recurso história apresenta grande flexibilidade no que diz respeito à complexidade linguística e à variedade conceitual e discursiva do conteúdo, tornando-se facilmente adaptável a todos os tipos de público de acordo com seu nível de compreensão (p.19).

Da mesma forma, Martínez (2011) afirma que as histórias respondem às neces-

sidades mágicas das crianças em oposição ao mundo real dos adultos. Isso implica um momento lúdico que deve ser acompanhado pela dramatização, pressupondo uma participação ativa das crianças. A história é um texto curto, mas muito completo, pois contém personagens com características definidas, um problema ou questão que deve ser resolvido, situações estressantes e a resolução desse problema. Por isso, pode ser inserido na escola, pois prepara para a vida e contribui para o desenvolvimento da aprendizagem.

Em suma, a história é instalada como um recurso adequado para a abordagem do aluno à leitura imaginativa e criativa. Portanto, seu valor educacional foi significativamente reconhecido no decorrer da presente investigação.

Um leitor possui uma bagagem de conhecimento linguístico, cultural, social, etc., que confronta com o texto que está lendo e, por sua vez, o texto fornece-lhe significados, significados, definições, informações, concepções, ideias e argumentos, que eles se destinam a esse tipo específico de leitor. Ler um texto é confrontar duas intenções, a do leitor e a do texto, que ocorre se esse encontro ocorrer em um ambiente sociocultural e se situarem passo a passo, elemento a elemento, ou seja, a leitura é um processo ao contrário. Quem lê desconstrói e nessa desconstrução encontra todos os elementos que o construtor incluiu (ideológicos, políticos etc.), encontra também uma forma especial de organizar essa informação, o que em linguística textual é conhecido como macroestrutura temática e superestrutura organizacional do texto. Isso mostra como é inconsequente reduzir a leitura à mera decodificação de signos linguísticos.

O ato de ler deve então ser um ato cultural (semiótica) que deve transcender os limites da linguagem (o sentido), até atingir os sentidos que estão ocultos no próprio texto. Agora, pense que nem todos os textos podem ser lidos da mesma forma porque não foram escritos da mesma forma, nem o leitor tem o mesmo interesse diante de todos os textos (Atehortúa, 2015). Uma parte importante da competência comunicativa é a capacidade de reconhecer os tipos de texto e também de praticar um determinado tipo de leitura, visto que os diferentes tipos de textos lidam com tipologias discursivas particulares que correspondem às intenções que foram tidas em conta ao escrevêlos. Assim, por exemplo, o texto expositivo, que trata de um discurso científico ou pedagógico (porque foi escrito para apresentar informação técnica ou científica ou para ensinar), corresponde a uma leitura compreensiva. Em suma, desenvolver a competência para ler equivale a estocar um par de olhos diferente a cada vez que um tipo de texto é confrontado.

DIMENSÃO DIDÁTICA DA LITERATURA INFANTIL

A intenção didática das obras narrativas foi descoberta em tabuletas de argila em textos sumérios e babilônicos, datados de muitos séculos antes das fábulas de Esopo (sucessivamente colocadas em versos latinos por Fedro). Os mitos inicialmente transmitidos oralmente tornaram-se conhecidos em toda a área do Mediterrâneo graças aos manuscritos gregos dos escribas alexandrinos, que os usavam em suas atividades educacionais diárias. Também os filósofos (isto é, Platão) introduziram mitos e fábulas em suas aulas acadêmicas com alunos e discípulos: as regras da gramática e do estilo foram aprendidas por meio das histórias, encorajando os jovens estudiosos a criar novas. As fábulas de Esopo foram consideradas meios didáticos úteis também nas escolas medievais para ensinar latim e retórica.

Ainda hoje, a literatura infantil - como parte integrante do currículo da escola primária - pode ser uma experiência significativa na vida das crianças, com fábulas e contos de fadas sendo usados como ferramentas de ensino motivadoras em disciplinas humanísticas e científicas.

Educadores estão cientes de que todas as atividades criativas e artísticas, incluindo a literatura - ao mesmo tempo que divertem ouvintes ou leitores - podem desempenhar um papel fundamental na melhoria dos conhecimentos dos alunos, mas também na aquisição de competências da vida diária, úteis para lidar com quaisquer situações problemáticas.

A infância é uma etapa crucial para o desenvolvimento da linguagem, por isso é importante torná-la uma experiência agradável: ler ou ouvir histórias pode ser uma forma divertida de treinamento de idiomas, capaz de superar todas as barreiras possíveis do aprendizado. Graças às recorrentes passagens narrativas intrínsecas aos contos de fadas ou fábulas, a criança é capaz de lidar com alguns conceitos ou padrões complicados, que requerem mais repetições para serem melhor interiorizados. É por isso que os contos são um recurso valioso no ensino de línguas estrangeiras e na melhoria das habilidades linguísticas (escrever, ler, falar e ouvir). Verificou-se que o uso da narrativa no ensino de línguas estrangeiras diminui o nível de ansiedade, permitindo aos alunos correr riscos nas aulas de línguas, graças à familiaridade com as histórias e ao ambiente relaxante de aprendizagem gerado pela narração. Portanto, contar ou ler histórias é uma estratégia de sucesso para adquirir estruturas gramaticais, sintaxe, novo vocabulário, aumentando as competências orais/escritas e, portanto, a capacidade de se comunicar de forma eficaz e com sucesso.

Ao ler ou ouvir histórias, os alunos aumentam sua proficiência verbal e aprendem a expressar com precisão seus pensamentos e sentimentos nas relações cotidianas, praticando as habilidades de pacificação (ou seja, negociação e discussão).

Aprender com as histórias pode estimular e oferecer percepções promissoras em outras áreas do desenvolvimento cognitivo das crianças, como resolução de problemas e habilidades de raciocínio. O educador deve despertar o interesse das crianças pela leitura e, ao mesmo tempo, incentivá-las a usar a imaginação, encontrando-se dentro da história; uma vez que as crianças se apegam aos seus personagens preferidos, podem reproduzi-los brincando, seguindo a cadeia temporal e a relação causa-efeito dos acontecimentos narrados, para que a mensagem educativa das histórias seja melhor interiorizada. Os educadores também devem estar cientes de sua própria responsabilidade ao selecionar livros infantis para fins didáticos (não necessariamente seguindo títulos populares ou "best-sellers") e ler as histórias em um ambiente atencioso e acolhedor. Os livros de histórias são acessíveis a alunos de todas as idades e podem ser emprestados de bibliotecas ou amigos, enquanto a narração de histórias digital pode ser fácil e rapidamente encontrada na Internet, mesmo gratuitamente.

As abordagens baseadas em narrativas multicomponentes integram contos tradicionais ou outros livros de histórias especificamente desenvolvidos, com recursos de áudio e vídeo (incluindo aqueles disponíveis na Internet), desenhos animados, filmes de animação, fantoches ou elementos cênicos. A leitura teatral ou a dramatização de literatura infantil podem ser usadas na escola para superar o risco de falta de atenção dos alunos e ao lidar com livros didáticos difíceis. O teatro do leitor em sala de aula envolve os alunos como atores enquanto realmente atuam no palco, enquanto a professora orienta a cena e dá sugestões aos personagens. Em um estudo que investigou o impacto do teatro do leitor ao longo de seis semanas, os alunos designados para as aulas de teatro mostraram um progresso significativo no nível de leitura, em comparação com um grupo de controle que recebeu educação literária e de vocabulário mais tradicional. A aula de teatro dos leitores apresentou melhor fluidez de leitura e expressão, vocabulário enriquecido e maior motivação em relação ao grupo controle. Por fim, pode-se dizer que as atividades de contação de histórias (incluindo o teatro do leitor) no ambiente escolar representam experiências didáticas inovadoras, capazes de construir também conhecimentos em saúde e promover o bem-estar global dos alunos.

LEITURA E ESTRATÉGIAS PARA O INÍCIO DE UMA ALFABETIZAÇÃO SIGNIFICATIVA

Atualmente tem se percebido uma grande dificuldade em se formar leitores capacitados em entender os mais diversificados gêneros textuais de maneira autônoma. Então pode se perceber que o ensino de leitura e interpretação deve ser planejado de forma minisuosa para que seja significativa, fundamentalmente no período de alfabetização.

A leitura é essencial em qualquer área do conhecimento e por esse motivo deve ser sempre repensada e refletida com o intuito de ser melhorada, tornando-se prazerosa, reflexiva e significativa, tornando-se então o mais interessante possível para as crianças, criando dessa forma, o hábito de escutar e ler os mais variados textos, agindo como instrumento significativo na vida cotidiana.

Segundo Leffa (1998, p.24):

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro seguimento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto.

Pode-se notar que a leitura é um meio de comunicação, no qual o leitor satisfeito recebe informações de forma significativa. Dessa forma, durante o processo de alfabetização faz-se necessário a presença da leitura realizada de forma prazerosa.

Segundo Paulo Freire (1986, p.23): "A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela".

Pela citação de Paulo Freire, pode se notar que a decodificação das palavras se torna significativa a medida que o indivíduo inicia o processo de leitura, compreendendo as palavras e não só escrevendo por escrever, de forma mecânica.

De acordo com Soares (2004), apud Brilhante (2010, p.7):

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profis-

sional, cidadania.

Nas escolas, durante o período de alfabetização, deve-se realizar a prática da leitura por meio de novas práticas de ensino, na qual os alunos tenham processo ensino aprendizagem significativo, que permita entender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

Ao se fazer uma leitura em sala de aula, o educador se torna um mediador no processo ensino aprendizagem da criança e sua interação com o mundo letrado, facilitando o desenvolvimento no processo da alfabetização.

Ao se pensar no processo da leitura o educando deve buscar compreender e refletir a respeito do significado que a leitura representa para si.

De acordo com Martins (1986, p.12) "[...] ninguém ensina ninguém a ler: o aprendizado é, em última instância, solitário embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo".

O ato de ler está além da obrigatoriedade, transpassando o simples fato de saber ler, buscando o prazer em ler um livro ou um texto e aprendendo a apreciar uma leitura além do espaço escolar.

Martins (1986, p.12), afirma que "aprendemos a ler apesar dos professores; que, para aprender a ler e compreender o processo da leitura, não está desamparado, temos condições de fazer algumas coisas sozinhos".

A leitura deve ser um processo de interação da criança em fase de alfabetização, como facilitadora no ensino aprendizagem.

Segundo Martins (1986, p.23), "muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educadores aprenderem a ler se resume à decoreba de signos linguísticos".

Nota-se que nas salas de aula, muitas vezes a leitura de textos não tem significado e não fazem parte do contexto do aluno. Com uma leitura mecânica e sem emoção a aprendizagem acaba tornando-se um momento ineficiente na busca pelo entendimento do educando com o mundo letrado e é durante esse processo que os professores precisam mudar suas estratégias em forma de ser mediador e tornar a leitura mais prazerosa e significativa, fundamentalmente na alfabetização.

Segundo Martins (1986, p.23), "uma vez alfabetizada, a maioria das pessoas se limita à leitura com fins eminentemente pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteirar-se do mundo".

Ao ler diferentes textos, adquirimos diversos conhecimentos que podemos usar para todas as áreas da vida. Por exemplo: alguns textos literários podem nos passar uma mensagem, mesmo que implicitamente, pois ao criar afinidade com algum personagem, compreender o contexto, o leitor passa a refletir sobre a história, e acaba por se colocar no lugar do personagem ou comparar a situação deste com alguma situação de sua própria vida, com essa reflexão o leitor ganha um conhecimento para a própria vida, pois ele pode achar uma resposta para uma situação que passava, ou passa a compreender melhor as outras pessoas, ou a se compreender melhor, entre vários outros conhecimentos que pode adquirir, apenas com a leitura sobre o cotidiano de algum personagem.

Ao ser estimulada por meio de situações prazerosas com a leitura, desperta-se na criança o desejo de saber, com isso o ato de ler provoca uma fácil adaptação no processo da alfabetização.

É fundamental escolhermos bem os primeiros livros a serem introduzidos na vida das crianças, sendo que essa escolha precisa levar em consideração a idade da criança e o contexto que se encontram, pois ao apresentar um livro espera-se que desperte na mesma o interesse em se aprofundar na leitura.

ESTÍMULOS, MUDANÇAS E DIFICIDULDADES NO PERÍODO DE ALFABETIZAÇÃO

A sociedade contemporânea experimenta mudanças rápidas e complexas devido ao fluxo de informações diversas e em grande quantidade. As crianças estão em constante processo de estímulos, por meio dos mais diversos tipos de informações, percebendo um mundo interativo e significativo. Não se pode mais ignorar os mais variados recursos midiáticos e tecnológicos, aos quais são veículos de informação, comunicação e aprendizagem.

Os especialistas destacam que se deve elogiar a criança por qualquer bom desempenho, mesmo achando que seja insignificante. Ao mesmo tempo, não devemos deixar de lado a disciplina e o método. As crianças sentem necessidade de uma estrutura sólida, em especial as que têm dificuldade de aprendizagem.

A criança com problemas dificuldade de aprendizagem tem padrões pouco usuais em perceber as coisas no ambiente externo, ocorrendo algum fracasso na escola ou dentro de seu convívio social.

A alfabetização pode ser entendida como um processo de contínua descoberta, no qual o indivíduo começa a reconhecer o outro como diferente, se relacionar com o mundo, interpretar o significado das palavras, entrando no Universo da leitura e da es-

crita, tornando o processo de ensino aprendizagem significativo.

Emília Ferreiro (1991, p.53), destaca quatro elementos no processo de aprendizagem:

1 – Comunicador ou emissor, representado pelo professor ou pelas máquinas de ensinar, como transmissores de informações ou agentes do conhecimento. O comunicador tem uma participação ativa no processo educativo, devendo estar motivado e ter pleno conhecimento da mensagem que irá transmitir a seus alunos.

2 – Mensagem, que é conteúdo educativo, ou seja, os conhecimentos e as informações transmitidas aos alunos. A mensagem deve ser adequada à idade mental do educando. Deve ser clara e precisa para ser bem entendida. 3 – Receptor da mensagem, que é o aluno. O receptor não tem um papel passivo; deve ser um recebedor crítico dos conhecimentos e informações que lhe são transmitidos.

4 – Meio ambiente, que é o meio escolar, familiar e social, onde se efetiva o processo de ensino-aprendizagem e, portanto, propício ao bom desenvolvimento do processo educativo.

Nota-se que o desafio do professor de séries iniciais é compreender o processo ensino aprendizagem, procurando atuar de forma dinâmica e diversificada, realizando atividades que possam desenvolver habilidades verbais, como a leitura, a escrita, a fala e a escuta.

Muitas crianças superam as dificuldades durante o processo de ensino aprendizagem, mas outras não conseguem e por meio de observações mais detalhadas, as quais muitas vezes precisa ter o acompanhamento de um especialista, é possível fazer um diagnóstico mais preciso.

Portanto, ao se ter fácil acesso aos mais variados gêneros textuais e informações diversas, sendo estimulado em seu cotidiano, mais fácil será o processo de alfabetização do indivíduo.

De acordo com Fonseca (1995, p.243): “Devemos combater a inflação das dificuldades de aprendizagem e para tanto é fundamental analisar o problema de fundo”.

Faz-se necessário que os educadores tenham um olhar mais atendo sobre as dificuldades que seus educandos apresentam, pois podem ter os mais diversos diagnósticos, desde um problema familiar até um problema neurológico.

De acordo com Sana (2005, p.12):

Quanto mais tarde for diagnosticado o problema, mais danos causará ao emocional, pois a autoestima da criança que não está conseguindo aprender vai diminuindo, podendo tornar-se agressiva, introspectiva ou ainda apresentar outros sintomas que nada mais são do que um pedido de socorro, um alerta para que alguém tome alguma providência e descubra o que está acontecendo com ela. Por isso, pais e professores, principalmente das séries iniciais, devem ter o máximo de atenção a crianças que demonstram algum tipo de dificuldade ou comportamento inadequados, para que as devidas medidas sejam tomadas em tempo de não causarem problemas comportamentais e emocionais mais sérios.

No entanto, é fundamental que se determine precocemente a causa da dificuldade de aprendizagem. Ao se realizar um diagnóstico precoce da dificuldade de aprendizagem pode-se superá-la, alcançando êxito no processo ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil apresenta um forte componente pedagógico e deve ser considerada uma verdadeira estratégia educacional com potencial para ser incorporada aos currículos escolares.

As experiências de aprendizagem realizadas em um ambiente escolar amigável geram melhoria da saúde emocional e melhores resultados acadêmicos. Um livro bem escolhido estimula o poder de observação, raciocínio, memória e imaginação das crianças, ampliando o leque de experiências, levando os leitores a refletir sobre seus comportamentos e descobrir possíveis soluções para seus problemas, proporcionando entretenimento.

O poder de ouvir e falar é capaz de criar imagens artísticas e induzir os escolares a produzir suas próprias histórias ou contos. Isso é bem conseguido apresentando-os à literatura desde a primeira infância e garantindo-lhes materiais interessantes, engraçados e atraentes. Contar ou ler uma história é barato, agradável, inclusivo, pode ser usado em qualquer ambiente sem equipamentos especiais, exceto a imaginação. Além disso, gera catarse, resultando em redução da ansiedade, melhor conforto, autoestima, auxiliando o jovem no enfrentamento de qualquer adversidade e melhorando a comunicação de sentimentos.

Por fim, pode-se considerar também a contribuição da literatura para estimular a agência individual, aplicando os conhecimentos já adquiridos, para tornar o mundo mais adequado às necessidades humanas.

A literatura infantil é uma ferramenta útil para "educar", "ensinar" e "curar", de modo que a narração pode ser considerada entre as possíveis estratégias educacionais que podem ser utilizadas para aplicações pedagógicas, didáticas e terapêuticas na promoção do desenvolvimento global infantil, tanto em casa e na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATEHORTÚA, JA (2015). Mediador de técnicas de alfabetização e estudo. Rionegro, Antioquia: Universidad Católica de Oriente. Disponível em: http://www.colombiaaprende.edu.co/html/directivos/1598/articles-250250recurso1.pdf. Acesso em: 10 de julho de 2021.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares nacionais – PCN's. Brasília; Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fundef_x_eb.pdf . Acesso em: 01 de setembro de 2018.

CARRERA, Gabriela. (Org.) Dificuldades de aprendizagem: Detecção e estratégias de ajuda. Brasil: Cultural, 2009.

FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. 15ª ed. São Paulo, Cortez, 2004.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 24. Ed. São Paulo, Ática, 1984. DAVIES, Nicholas. Financiamento da Educação: novos ou velhos desafios? São Paulo. Xamã, 2004, 2001. p.13-29.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.

São Paulo: Cortez, 13 ed., 1986. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v.4).

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARTINEZ, ONU (2011). A história como instrumento educativo. Inovação e experiências educacionais, 39 , 1-8 . Disponível em: http://www.csicsif.es/andalucia/modules/mod_ense/revista/pdf/Numero_39/NATALIA_MARTINEZ_ URBANO_01.pdf. Acesso em 3 de julho de 2021.

OLIVEIRA, J.B. Araújo. Alfabetização de Crianças e Adultos: novos parâmetros.

Belo Horizonte: Alfa Educativa, 2004.

REZENDE, Fernando Antônio. Finanças Públicas. 2ed. São Paulo: Atlas, 2001, p10-

37.

SANA, Cristiane Cador. Por que meu filho não aprende? Blumenau SC: Eko, 2005.

SOARES, Magda. LETRAMENTO. Um tema em três gêneros. Autêntica: Belo Horizonte – 2004.

VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: UFSC, 1988.